

5. A EPISIOTOMIA POR REZENDE: UMA ANÁLISE DOS POSICIONAMENTOS MÉDICOS ENCONTRADOS EM OBSTETRÍCIA - O LIVRO

Jane Márcia Progianti¹;Juliana Amaral Prata²;Letiery Costa Fonseca³;Paulo Alexandre Souza São Bento⁴

Introdução: Em 1920, Joseph DeLee em um congresso, circunscreveu a episiotomia como procedimento liberal a ser utilizado na prática e, para isso, propôs algumas indicações. Estes conceitos se tornaram verdades consolidadas no dia-a-dia de trabalho, assim como nas publicações científicas da época. Com a pesquisa baseada em evidências, o emprego da episiotomia de rotina trouxe outras reflexões. O que antes era indicação, atualmente já não é. A questão é tão séria que, hoje, a episiotomia é uma das cirurgias mais frequentes em obstetrícia, utilizada rotineiramente, sem respaldo das evidências científicas e sem qualquer consentimento informado da mulher, que é submetida. Isso é o reflexo de um modelo tecnicista que, por conseguinte, desvaloriza totalmente o posicionamento da mulher sobre esta prática, como se sua opinião não tivesse validade. Destarte, perguntamos como anda esta questão no plano teórico no Brasil, pois já sabemos o que indica a literatura mundial. Pensamos qual seria um dos livros de maior influência no ensino de obstetrícia no país e chegamos a uma resposta: Obstetrícia do autor Jorge de Rezende. Foi, com base no exposto, que definimos o **objeto** desta pesquisa é o posicionamento médico sobre a episiotomia e a história da obstetrícia encontrado nas publicações do livro Obstetrícia de Rezende, na terceira (1974), na sétima (1995) e na décima (2005) edição. **Objetivos:** descrever o posicionamento médico sobre a episiotomia e sobre a história da obstetrícia publicados na terceira, sétima e décima edições do livro de Obstetrícia de Rezende e analisar o posicionamento médico sobre episiotomia da terceira, sétima e décima publicações, considerando sua época. **Método:** De abordagem qualitativa, utilizamos a pesquisa bibliográfica para conduzir este estudo. Fizemos um levantamento de todas as edições do livro e buscamos as posições sobre a prática da episiotomia, nas terceira, sétima e décima edições. A escolha das três edições apresentadas pautou-se nos marcos políticos na saúde da mulher no Brasil, a saber: anos 70, 84 e 2004, selecionando as edições pós-período de implantação destas propostas. **Descrição e análise:** os posicionamentos apontaram para duas unidades de registro, gênero e cuidado, que foram organizadas, para análise, em duas categorias: o caráter paradigmático e de gênero dos posicionamentos encontrados e os posicionamentos médicos sobre a assistência ao parto: diferentes enfoques do cuidado. Com subcategorias específicas, as categorias foram analisadas com multi-referencial, onde trabalhamos as questões do paradigma tecnocrático de assistência ao parto, focado no controle e domínio da natureza feminina, a episiotomia

como instrumento de controle, crítica ao procedimento como rotina, evidências científicas, o corpo feminino, o profissional e autonomia, entre outras questões. Em que pese o caráter médico dos posicionamentos presentes no livro, encontramos o zelo, pelo autor, em fazer referência aos estudiosos na área quando vão descrever determinado assunto, em contrapartida, temos o descuido de afirmações postas sem nenhum respaldo científico, considerando apenas as citações diretas no próprio texto. A querela do tecnicismo *versus* humano está presente no texto, de modo que se faz “a Corte” para o profissional obstetra, a técnica, intervenções, medidas de controle e a ciência médica, uma epopéia ao paradigma tecnocrático e, como não seria por menos (numa interpretação tecnocrática), em contraponto, a desvalorização da mulher - refutando seus saberes, sua história, sua intuição, a fisiologia e linguagem do seu corpo e mente, atitudes inadmissíveis para o movimento humanístico. As propostas para “libertar” a mulher do cárcere de sua condição feminina, inacabada para o fenômeno do parir e nascer, são realizadas quase que ininterruptamente. É claro, que não podemos ignorar os ganhos na redução da morbimortalidade materna com os avanços da ciência e da medicina. Só não podemos fechar os olhos e ignorar os prejuízos que estamos enfrentando, hoje, pelos excessos produzidos pelo parto hospitalar e pela desvalorização de outros profissionais que assistem o parto. Avançaremos nesta questão quando soubermos equilibrar, e não polarizar, ganhos frente às perdas de todas as conquistas na área. A educação profissional é importante contribuinte, quiçá eixo basilar, para transformação desta realidade. Vargens e Proganti (2004) colocam que para a substituição do paradigma biomédico, como norteador das práticas docentes de enfermagem, foi necessário traçar estratégias pedagógicas com o intuito de desmedicalizar o ensino. Neste sentido, ressaltam que esta transformação deve ocorrer em três esferas: dos docentes, do currículo profissional, no que diz respeito ao conteúdo e aos programas de saúde da mulher e, finalmente, dos alunos de graduação. Dentre as estratégias utilizadas destacaram-se a releitura de textos referenciais médicos e a inserção de uma discussão crítica dos conceitos e saberes trazidos por eles. Além disso, apresentavam pesquisas que criticavam os efeitos prejudiciais da intervenção médica e que abordavam o pensamento feminino no cuidado à mulher. Desta forma, emergiam debates sobre como resgatar uma prática sensível e intuitiva na qual as mulheres tivessem o domínio de seus corpos. **Conclusão final:** o foco desta pesquisa não reside no detrimento dos conhecimentos reunidos no livro em questão (Obstetrícia), mas sim, visa contribuir para reflexões acerca de mudanças no campo de ensino a fim de valorizar não só a questão técnica da obstetrícia, mas também agregar, à assistência ao parto, aspectos relacionados à integralidade, compreendendo este evento como parte da vivência sexual e reprodutiva da mulher, onde o contexto existencial da mesma deve ser considerado, assim como o reconhecimento do protagonismo dela durante todo o processo de parturição. Assinalamos a importância da formação profissional para

transformação da realidade da assistência ao parto, com a reivindicação da mudança paradigmática como fundamental para o processo.

Deacritorea: episiotomia; parto; obstetrícia e enfermagem.

¹Enfermeira Doutora em enfermagem, docente do departamento de Departamento de Enfermagem Materno infantil (DEMI), da Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

²Enfermeira especialista em Aleitamento Materno e Banco de Leite Humano e em Enfermagem Obstétrica.

³Enfermeira especialista em Enfermagem Obstétrica e residente do Instituto Fernandes Figueira/ FIOCRUZ em Aleitamento Materno e Banco de Leite Humano. Enfermeira do Hospital Universitário Pedro Ernesto – HUPE. letiery@gmail.com

⁴Enfermeiro mestre em enfermagem, tecnologista júnior/ enfermeiro do Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ.